Dos Santos, Francimário Vito. 2018. *O ofício das benzedeiras: um estudo sobre práticas terapêuticas e a comunhão de crenças em Cruzeta-RN.* Porto Alegre: Cirkula. 255p.

Karen Käercher
Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Brasil

Quem nunca foi rezado e benzido com ervas quando criança? Essa parece ser uma pergunta estranha para pessoas que não nasceram e nem são residentes nas cidades interioranas do Brasil. Mas, certamente, uma pergunta nostálgica para aquelas que tiveram a oportunidade de conhecer o ofício da benzeção. Contemporaneamente, levar um bebê recém-nascido para ser benzido e rezado com a finalidade de curar males como "olhado" ou "vento caído" na residência de uma mulher benzedeira já não parece mais tão costumeiro. Desta forma, é possível dizer que a tradicional prática da cura vem ganhando cada vez mais a forma de um velho hábito praticado pelos "antigos", em um cenário em que o saber fazer parece ter perdido o seu lugar para as práticas médicas formalizadas. No entanto, esta não é a realidade que se apresenta na região do Seridó Potiguar, mais especificamente, na cidade de Cruzeta-RN. Nessa região de clima árido e seco, a caatinga faz crescer além dos cactos, as chamadas plantas medicinais populares como o "pinhão roxo" comumente plantado em frente às casas para absorver más energias. É nesse cenário de Cruzeta que as práticas terapêuticas e a comunhão de crenças parecem (re)existir, como veremos a seguir. Vale ressaltar que não existem distinções entre as mulheres chamadas de benzedeiras e/ou rezadeiras no livro. Aparentemente, a designação varia de acordo com o serviço prestado à clientela; entretanto, todas as mulheres acompanhadas pelo autor acabam por trabalhar com a reza e a benzeção.

O livro intitulado "O ofício das benzedeiras: um estudo sobre práticas terapêuticas e a comunhão de crenças em Cruzeta-RN" foi, originalmente, produzido como uma dissertação de mestrado defendida no ano de 2007 no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade do Rio Grande do Norte por Francimário Vito dos Santos. Recentemente publicado pela editora Cirkula, o livro é resultado de extenso trabalho de campo realizado no nordeste do país acerca das práticas terapêutico-religiosas das mulheres conhecidas como rezadeiras ou benze-

deiras. Possui 256 páginas e constitui-se por prefácio, escrito pelo professor e antropólogo C. Guilherme do Valle (PPGAS/UFRN), introdução, três capítulos intitulados, respectivamente, como "O universo das rezadeiras", "O ritual de benzeção em Cruzeta" e "O fundo religioso comum em Cruzeta", considerações finais e anexos.

A etnografia desenvolvida por Francimário Vito dos Santos trata de registrar a prática da cura por meio da "descrição densa" (Geertz, 2015) e das fotografias tiradas durante as benzeções e no decorrer do trabalho de campo. Trata-se ainda e, sobretudo, do reconhecimento das mulheres rezadeiras. Para usar o conceito da etnógrafa Marilyn Strathern (2014), o "momento etnográfico" do autor reside no instante de "imersão" e "deslumbramento" com as práticas de cura presentes no cotidiano das tantas mulheres reais cujos nomes faço questão de relembrar aqui. São elas, Barica, Francisca, Joaninha, Marina, Dona Sebastiana, Dona Dolores, Dona Maria de Neco, Dona Chiquinha, Dona Uda, Tia Romana, Dona Silvina de Domingo Preto, Dona Severina, Dona Gilberta, Dona Rita de Ramim, Dona Santa, Dona Hosana, Dona Maria Pedro, Dona Leide, Dona Lica, Dona Maria de Chico Brito, Dona Chiquinha, Dona Gilberta, Dona Neuza, Dona Maria de Julho Bilino e Dona Giselda.

Além do mais, algumas mulheres de sua rede familiar como, por exemplo, Dona Aninha Pêdo e Dona Maricuta, bisavó e avó, foram reconhecidas rezadeiras em Cruzeta. Destarte, o autor precisou lidar com a proximidade estipulada pelo parentesco, uma vez que presenciou a prática das rezadeiras desde sua infância. E, precisamente por conta disso, justificou o interesse na pesquisa. Vale ressaltar que a proximidade e a motivação pessoal pelo tema não tornam a investigação menos científica. Em realidade, ao situar-se na pesquisa, o autor faz com que tais fatores agreguem pertinência aos seus argumentos.

De acordo com a definição dada por Santos, "as rezadeiras ou benzedeiras são mulheres que realizam benzeduras" (:23). Durante o ritual de benzedura, elas acionam uma religiosidade marcadamente advinda do catolicismo popular que é performada pelas súplicas e rezas "cochichadas". Assim, a reza possui como objetivo alcançar um suposto equilíbrio entre o universo físico/material e o espiritual das pessoas que buscam pela sua ajuda. É importante frisar que as mulheres, de acordo com a pesquisa do autor, não cobram pelas rezas, mas recebem presentes dignos do que Marcel Mauss (2003) chamaria de "dádiva". Neste caso, a capacidade de cura é, para elas, um presente divino que não se pode negar e se deve, necessariamente, retribuir. Para compor o ritual de cura, as rezadeiras utilizam diversos elementos advindos ora das matrizes de religiões afro-brasileiras como o uso de ramos verdes,

ora elementos ligados ao uso de práticas europeias outrora consideradas como bruxaria – elementos que poderiam ser verificados na semelhança dos rituais de "encantamento" e cura do "vento caído". O primeiro praticado supostamente pelas bruxas da Idade Média e o segundo atualmente adotado pelas mulheres rezadeiras.

Ambos os rituais fazem uso da "soleira da porta" como o lugar para se pendurar ou enterrar objetos pessoais da pessoa a ser encantada ou curada. Além, evidentemente, das características religiosas e terapêuticas advindas do catolicismo popular, como os gestos em cruz feitos, necessariamente, com a mão direita e o uso de imagens sacras. Outros elementos e particularidades como, por exemplo, agulha, linha, pano, manejo de plantas, nascimento e parto conectam as rezadeiras ao universo doméstico que, embora tenha sido paulatinamente relegado ao feminino, tornou-se o lugar de excelência e domínio das mulheres comuns.

O centro da análise antropológica de Santos consiste em depreender a maneira como essas mulheres compartilham de um fundo religioso comum que denominou de "comunhão de crenças". Isto quer dizer que mesmo estando marcadas as diferenças entre si – dentre as interlocutoras, havia duas mulheres que se consideravam evangélicas e uma que era adepta ao "Culto de Jurema" – existe um entendimento comum acerca do ofício da reza. (A Jurema é um culto tipicamente nordestino, influenciado tanto por características advindas das religiões indígenas quanto das religiões afro-brasileiras. É, especialmente, dedicado às entidades de caboclos e curandeiros.) Para exemplificar tal circunstância, o autor descreve os atendimentos e seus processos terapêuticos, a iniciação no ofício, a maneira como aprenderam a prática e como posteriormente a executam, as histórias e as vivências das mulheres rezadeiras. É desta forma que outras religiosidades e o intercâmbio das práticas de cura – dominantes ou não – são articuladas pelas mulheres em questão na constante transformação de seus próprios fazeres.

Ainda em conformidade com a etnografia realizada pelo o autor, as rezadeiras são valorizadas social e culturalmente, em razão de que são muito procuradas pelas famílias, principalmente, pelas mulheres que são mães de crianças pequenas. As terapeutas populares preenchem, portanto, uma lacuna de atendimento à saúde no município de Cruzeta. Pode-se dizer que tal lacuna foi causada pelos impasses enfrentados pelo "Programa de Saúde da Família" (PSF) implantado no remoto ano de 1994. Em 2007, quando a pesquisa de Santos fora originalmente publicada, o PSF ainda não havia dado conta de todas as demandas locais. Assim, impulsionadas pela dificuldade de acesso a saúde pública, as mães e demais moradores de Cruzeta

acabavam recorrendo às benzedeiras. Todavia, apesar das rezadeiras ocuparem um lugar de prestígio no meio social onde vivem, elas não deixam de lado o incentivo para que as suas clientes recorram ao atendimento médico quando a doença não é um mal que pode ser curado com a reza. A principal divergência entre um atendimento e outro, isto é, das práticas terapêuticas dominantes e das práticas terapêuticas populares está em conceber a doença, nesta ordem, como uma enfermidade inscrita apenas no corpo e como um mal que transcende corpo e espírito. Neste último caso, apenas as benzedeiras e rezadeiras podem curar com eficácia.

Embora não seja o foco de Santos, preciso ressaltar um último argumento que merece ser tomado com mais atenção em sua investigação. Muitas fotografias são utilizadas pelo autor a fim de delinear o universo das rezadeiras que, a propósito, não poderia ser meramente descrito por meio das palavras. Acontece que muitas fotografias são deslocadas para os anexos ao final do livro, e algumas delas são retratos das mulheres rezadeiras que colaboraram com a pesquisa. Desta forma, no decorrer do texto, senti falta de uma apresentação imagética e característica de cada uma dessas personagens, o que viria a ser encontrado apenas no final do trabalho. Neste sentido, é muito importante ressaltar que a fotografia etnográfica não serve somente como ilustração no texto, mas é em si um "dado antropológico" (Guran, 1986) de extrema relevância. As fotografias possuem o poder de enquadrar as cenas do cotidiano das rezadeiras e benzedeiras e poderiam, certamente, ocupar um lugar de destaque no trabalho do autor.

Como se percebe, *"O ofício das benzedeiras"* resulta em uma boa leitura para estudiosos do catolicismo popular e também para estudantes de Antropologia cujo interesse é desenvolver pertinentes e instigantes etnografias, como é a de Francimário Vito dos Santos. A pesquisa do autor – assim como outros estudos sobre as práticas populares e saberes e fazeres tradicionais – revela a resistência de um ofício que, ao contrário do que se pensa no senso comum, não está à beira de extinção. Tendo em conta que o ofício da reza e os seus consecutivos rituais "estão em constante processo de reelaboração influenciados pelo contexto em que estão inseridos, além dos outros conhecimentos e práticas com quem este ofício está relacionado" (:217). Igualmente, o livro guia o leitor e a leitora em uma viagem ao sertão nordestino, ajudando na compreensão de uma realidade tão distante para o sul do país, de onde situadamente remeto este texto. A prática da cura está com os dias contados? Diante da realidade de Cruzeta e de suas rezadeiras e benzedeiras apresentadas por Santos, concluo que não.

Recebido: 18/01/2019
Aprovado: 21/01/2019

Karen Ambrozi Käercher é doutoranda em Antropologia Social no Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGAS/UFRGS). Possui Mestrado em Ciências Sociais no Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Maria (PPGCS/UFSM). É Bacharela em Ciências Sociais pela mesma universidade. Pesquisadora integrante do Núcleo de Antropologia Visual (Navisual/UFRGS). Tem experiência na área de Ciências Sociais com ênfase em Antropologia. Pesquisa, principalmente, os temas: gênero, memórias do trabalho, saberes e fazeres femininos, etnografia visual, sonora e da duração. ORCID: 0000-0002-9342-1781. Contato: kakaercher@gmail.com

Referências

GEERTZ, Clifford. 2015. "Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura". In: GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas.* Rio de Janeiro: LTC.

STRATHERN, Marilyn. 2014. *"O efeito etnográfico e outros ensaios".* São Paulo: Cosac Naify.

MAUSS, Marcel. 2003. "Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas". In: MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia.* São Paulo: Cosac Naify.

GURAN, Milton. 1986. "Fotografia e pesquisa antropológica". *Caderno de Textos: Antropologia Visual.* Rio de Janeiro: Museu do Índio, p. 66-69.